

Banda Sinfónica de Alcobça

Rui Carreira, *direção musical* · Ana Telles, *piano*

Orgulho Português

27/07 · sáb · 21h30 · Cine-teatro de Alcobça – João D’Oliva

Programa

Carlos Caires (1968–)

Duetto

Ana Telles, *piano e eletrónica*

Carlos Caires, *eletrónica*

Ida Gotkovsky (1933–)

Poème du Feu

I. Majestoso

II. Prestissimo

Jacques Veyrier (1928–)

Lusitanies

Carlos Caires

Pianissimo

Ana Telles, *piano*

Joly Braga Santos (1924–1988)

Sinfonia 4, transc. F. Sousa Alves

IV andamento – Lento – Allegro con Brio

Epílogo (Hino à Juventude)

Ficha artística

Rui Carreira, *direção musical*

Ana Telles, *piano e eletrónica*

Carlos Caires, *eletrónica*



É expressamente proibida a captação de imagens e som durante o espetáculo.
Desligue o telemóvel, desfrute e grave na sua memória.
Poderá rever os melhores momentos no website e nas redes sociais Cistermúsica.

Notas de programa

Carlos Caires, *Duetto*

A obra *Duetto* foi composta algures entre 1998 e 1999. O processo da sua criação foi um pouco atribulado, pois era a primeira vez que me aventurava na realização de um projecto com estas características; electrónica em tempo real, entenda-se.

Embora encadeados quase sem interrupção de modo a formar um todo, os seis andamentos que constituem a peça foram escritos separadamente. A saber: 1 - Preambulo; 2 - Partita; 3 - Interlúdio; 4 - Toccata; 5 - Fantasia; 6 - Postlúdio. A *Partita*, o *Interlúdio* e o *Postlúdio* são andamentos lentos (aliás, semelhantes entre si), de carácter quase improvisatório, essencialmente harmónicos, que procuram explorar as ressonâncias do piano em toda a sua extensão. Os andamentos *Partita* e *Toccata* trazem elementos contrastantes, através de uma figuração melódica de contornos mais bem definidos e reconhecíveis a cada nova repetição/variação, com ritmos mais rápidos impressos num fraseado algo mais irregular. A *Fantasia*, penúltima secção, faz uma combinação das duas situações descritas nos dois parágrafos precedentes. O dispositivo electrónico compreende uma parte fixa, realizada em estúdio, e um programa de controlo musical em tempo real. Cabe a este programa captar não só aspectos resultantes da interpretação tais como intensidades ou flutuações de *tempi* (nada de novo, veja-se *Pluton* de Philippe Manoury), mas também reagir às escolhas feitas pelo intérprete em relação ao percurso formal ou outros aspectos (em certos andamentos o intérprete pode, por exemplo, definir a ordem pela qual vai executar os elementos que constituem uma determinada passagem). Todos estes aspectos são utilizados como parâmetros de controlo na elaboração, no momento da execução, da versão final da peça. Sobre a parte electrónica em concreto (a palavra não tem segundas intenções...) utilizei sons de piano (excertos da própria peça e percussões de vários tipos utilizando sempre o piano como caixa de ressonância) gravados e modificados a partir de técnicas variadas. Finalmente, gostaria de dedicar esta peça ao António de Sousa Dias. A sua amizade, o seu entusiasmo pelo meu trabalho, não esquecendo os muitos e preciosos conselhos sobre a programação em MAX, foram e têm sido sem dúvida uma inestimável fonte de inspiração.

Carlos Caires

Ida Gotkovsky, *Poème du Feu*

Desde o início do homem que o fogo tem sido particularmente reverenciado. Abundam as lendas sobre sua origem, cada uma conferindo-lhe uma característica sagrada; lendas que fazem do fogo um elo entre a criatura e seu criador. Assim, a tradição celta traz-nos um mito próximo ao de Zaratustra: durante as cerimónias que anunciavam o ano novo, os homens acendiam duas lareiras. O primeiro, que fora vigiado e homenageado durante todo o ano, estaria a chegar ao fim, enquanto o segundo, de acordo com o processo memorial e mágico composto pelos dois elementos celestes e terrestres,

daria origem ao novo Fogo. Quando as duas fornalhas ardiam em todo o seu esplendor, toda a aldeia, homens, rebanhos e manadas, numa longa procissão passava entre os dois Fogos: os dois movimentos do poema. Todos se alegraram por terem dominado este dom divino. Essa visão inspirou o compositor. *Poème du feu* é uma obra original para grande orquestra de sopros, composta por dois andamentos. O primeiro — *Majestoso* — é um fogo de proporções gigantescas, a fonte de vida que nos faz reviver os primeiros momentos da criação; o segundo andamento — *Prestissimo* — encontrando-se no centro da realização humana, é um poder de revelação, um poder impetuoso que eleva o homem ao nível de demiurgo e que termina na apoteose do Fogo e, desta forma, realizando o desejo de Prometeu.

Ida Gotkovsky

Jacques Veyrier, *Lusitanies*

Lusitanies foi escrita a pedido do maestro Jéan-Sébastien Béreau que a estreou em 2011 com a Orquestra de Sopros da Escola Superior de Música de Lisboa, num programa dedicado à música francesa.

Carlos Caires, *Pianíssimo*

Pianíssimo é uma peça para piano com orquestra de sopros e electrónica.

Não se trata de uma escrita propriamente concertante, com diálogos e alternâncias solista/tutti mas antes de uma peça para piano expandido timbricamente pelos sopros percussões e electrónica.

O Piano, instrumento que fez parte da minha formação de músico e que se constitui como uma preciosa ferramenta de trabalho na minha actividade enquanto compositor, significa harmonia, ressonância, mas também ritmo e percussão. São estas as principais linhas de força que guiaram a criação de pianíssimo.

Esta peça é dedicada aos meus amigos Ana Telles e Alberto Roque.

Carlos Caires

Joly Braga Santos, *Sinfonia 4*

Nascido em Lisboa a 14 de maio de 1924, Joly Braga Santos estudou no Conservatório Nacional, mas fez o essencial da sua formação de compositor como aluno particular de Luís de Freitas Branco (1890–1955), de quem foi o mais importante discípulo. O seu catálogo, iniciado em 1942, foi marcado em 1946 pela estreia da sua 1.^a *Sinfonia*, que revelou, aos 21 anos, um sinfonista nato. A primeira fase da produção de Joly reflete os ensinamentos de Freitas Branco e tem como coordenadas principais a construção cíclica e um idioma modal com raízes históricas na polifonia renascentista e na música tradicional portuguesa, em especial do Alentejo.

O próprio Joly veio descrever o propósito das suas primeiras quatro sinfonias: “a implantação de um sinfonismo moderno na música portuguesa, continuando o exemplo dado por Luís de Freitas Branco” e “a tentativa

de construir uma música que, “visando o geral”, mas não desdenhando as conquistas do século XX, pudesse falar ao homem comum com simplicidade e clareza.”

A vontade de escrever “para o homem comum” é especialmente nítida na 4.^a *Sinfonia*, escrita para o Gabinete de Estudos Musicais da Emissora Nacional e terminada a 3 de dezembro de 1950. Com ela, Joly atingiu o arquétipo da monumentalidade sinfônica latina que buscava desde a 1.^a *Sinfonia*.

Foi à Juventude Musical Portuguesa — criada em 1948 segundo o modelo das suas congêneres belga e francesa, com Joly entre os seus membros fundadores — que a 4.^a *Sinfonia* foi dedicada, tendo sido estreada sob a direção do compositor, a 28 de janeiro de 1951. A obra reflete a influência do Alentejo, tal como a 3.^a *Sinfonia*, igualmente escrita no Monte dos Perdigos pertencente a Luís de Freitas Branco, perto de Reguengos de Monsaraz.

O 4.^o andamento difere das variações amplificadores e da escrita contrapontística usadas por Joly nos finais das sinfonias precedentes, dividindo-se em três partes: uma introdução lenta (*Lento*); um *Allegro* em forma sonata (*Allegro con brio*), com exuberância orquestral e rítmica; e um epílogo (*Largamente Majestoso, ma non troppo lento*) que é talvez o momento mais marcante da sinfonia, com a sua melodia repetida à maneira de um hino sereno e grandioso. Puramente orquestral na versão original da obra, foi por sugestão de Silva Pereira — tendo em vista um congresso internacional das juventudes musicais que teve lugar em Lisboa em 1968 — que Joly nele introduziu o coro que a melodia, com o seu quê de coral alentejano, parecia pedir naturalmente. Apesar da fraca qualidade do poema, esse célebre “Hino à Juventude” — que já tinha essa designação na versão instrumental — acrescentou à 4.^a *Sinfonia* uma dimensão coral a condizer com a aspiração beethoveniana que marcou o género em Portugal.

Alexandre Delgado

Adaptação da nota de programa redigida para o Centro Cultural de Belém

Biografias



Banda Sinfónica de Alcobaça

A Banda de Alcobaça teve, na sua origem, um agrupamento musical composto apenas por instrumentos de metal, a Fanfarrinha Alcobacense (1900 a 1912), tendo alcançado um alto nível artístico-musical que lhe valeu o honroso título de Real Fanfarrinha Alcobacense, concedido pelo rei D. Carlos e pela rainha Dona Amélia. Após a extinção da Real Fanfarrinha Alcobacense, a 19 de março de 1920 é fundada a Banda de Alcobaça que durante quase 40 anos de atividade atua em todo o território nacional. Depois de um interregno de 28 anos, ressurgiu em novembro de 1985, graças ao empenho de um grupo de alcobacenses que, para o efeito, criou uma escola de música, cujos frutos levam à sua afirmação no panorama musical português, não só pela qualidade dos seus jovens músicos, mas também devido ao repertório executado, mais próximo de uma orquestra de sopros ou mesmo de uma banda sinfônica do que de uma banda filarmónica tradicional. Foi, por isso, natural a evolução para uma banda de concertos, totalmente assumida pela recente designação Banda Sinfónica de Alcobaça, explorando o repertório específico para este tipo de formação, por um lado, e apostando em obras de compositores portugueses contemporâneos, por outro. Nos últimos anos, a participação em concursos nacionais e internacionais, onde foi premiada por diversas ocasiões, consolidou a evolução artística do seu corpo musical, composto por alunos avançados da Academia de Música de Alcobaça (a componente pedagógica é um dos seus principais objetivos), alunos dos cursos superiores de música e ainda músicos amadores que, através deste agrupamento, mantêm uma forte ligação à música. Uma outra vertente fundamental da sua atividade recente é a gravação de obras de referência para banda de concertos, tendo a Banda Sinfónica de Alcobaça editado até ao momento quatro discos, os últimos dos quais com a participação de vários solistas, alguns deles de referência nacional e internacional, que iniciaram os seus estudos musicais na própria Banda de Alcobaça. São de salientar ainda as participações no Cistemúsica – Festival de Música de Alcobaça, onde tem apresentado concertos temáticos com assistências bastantes significativas para este tipo de agrupamento. A BSA tem o apoio do Ministério da Cultura/DGArtes.



Ana Telles

Ana Telles estudou em Lisboa (Escola Superior de Música de Lisboa), Nova Iorque (Manhattan School of Music e New York University) e Paris, com Yvonne Loriod-Messiaen, Sara Buechner e Nina Svetlanova, entre outros. Doutorou-se na Universidade de Paris IV - Sorbonne (França). Mantém intensa atividade artística, como pianista, tendo

tocado em Portugal, Alemanha, Reino Unido, Dinamarca, França, Itália, Irlanda, Polónia, Croácia, Cuba, Taiwan, Coreia do Sul, Brasil, EUA e Canadá.

Foi solista com a Orquestra Sinfónica Nacional de Taiwan, as orquestras Gulbenkian, Metropolitana de Lisboa, Filarmonia das Beiras, Sinfonietta de Ponta Delgada, Clássica da Madeira, Tutti de Levallois, Orchestre de Flûtes Français, Conservatório de Dijon (França), Nuova Amadeus (Roma, Itália), e a Banda Sinfónica da Guarda Nacional Republicana, entre outras. A sua discografia conta com mais de vinte títulos.

Investigadora integrada do CESEM, é autora de um número significativo de capítulos de livros, artigos em revistas indexadas e edições musicais. Ana Telles foi bolsista da Fundação para a Ciência e Tecnologia e do Programa Fulbright. Docente da Universidade de Évora desde 2009, foi Diretora da Escola de Artes dessa instituição, entre 2017 e 2024. É membro do Board of Representatives e do Executive Group da ELIA – European League of Institutes of the Arts. Atualmente, é Professora Catedrática e Vice-Reitora para a Cultura e Comunidade da Universidade de Évora.

Rui Carreira

É natural de Santa Eufémia, Leiria. Iniciou os estudos de Direção Coral com Eli Camargo Jr. em 1990. Frequentou vários Cursos Internacionais de Direção Coral com os Maestros Alain Langrée, Edgar Saramago, Ger Hovius, Hübert Velten, John Ross, Josep R. Gil, Lluís Virgili, Maite Oca, Montserrat Rios e Vianey da Cruz. Frequentou, de 1999 a 2004, o Curso de Direção de Orquestra em Dijon (França) e, de 2004 a 2007, os Estágios Internacionais de Direção de Orquestra de Leiria, ambos sob orientação do Maestro Jean-Sébastien Béreau. No âmbito do Mestrado em Direção de Orquestras de Sopros, trabalhou com os maestros Felix Hauswirth, Mitchell Fennell e Jean-Sébastien Béreau. Fundou o Coro da Casa de Pessoal do Hospital de Santo André e o CcC (Coro de Câmara Colliponensis), ambos de Leiria. Dirigiu os Corais do Orfeão de Leiria assim como o Coro de Câmara da Escola de Música do Orfeão de Leiria em colaboração com os maestros Mário Nascimento, Paulo Lourenço e Pedro Figueiredo. Dirigiu diversos workshops, estágios e cursos de direção. Colaborou com o Maestro Jean-Sébastien Béreau na Direção da Orquestra Sinfónica de Leiria, dirigiu a Banda Sinfónica da GNR e o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, estreando obras de três compositores portugueses. Dirigiu o Ensemble Palhetas Duplas no Concerto Comemorativo do XI Aniversário com a obra *Au Bois de Cise* de Jean-Sébastien Béreau e no concerto de homenagem ao Maestro Jean-Sébastien Béreau. Desde 2002, dirige a Banda Sinfónica de Alcobaça. Dirige a Orquestra de Sopros e é o diretor artístico dos Estágios de Orquestra de Sopros e Percussão da Academia de Música de Alcobaça.

Próximos espetáculos

Duo AnimArpa

Beatriz Cortesão e Carolina Coimbra, *harpas*

Eterno Feminino

28/07 · dom · 18h00

Montebelo Mosteiro de Alcobaça Historic
Hotel · Salão da Biblioteca

Preço: 12€ · Preço com desconto: 10€*

Apoio:



VISTA ALEGRE
1824

Parceria:



MONTEBELO
HOTELS & RESORTS



Ensemble Cisternúsica Sacra

Jonathan Ayerst, *direção musical*

Jesu meine Freude e Motetes Penitenciais

31/07 · qua · 21h30

Igreja Paroquial de São Martinho do Porto

Entrada livre mediante reserva de bilhete

Apoio: Paróquia de São Martinho do Porto e Junta de Freguesia de
São Martinho do Porto



Trio Pangea

Homenagem Lusitana a Gabriel Fauré

01/08 · qui · 21h30

Museu do Vinho · Adega dos Balseiros

Preço: 12€ · Preço com desconto: 10€



Alis Ubbo Ensemble

Em Órbita

02/08 · sex · 21h30

Mosteiro de Alcobaça · Celeiro

Preço: 12€ · Preço com desconto: 10€



10.^a de Shostakovich

Alto Minho Youth Orchestra

Nuno Coelho, *direção musical*

Concerto de Encerramento

03/08 · sáb · 21h30

Mosteiro de Alcobaça · Cerca

Preço: 15€ · Preço com desconto: 13€

